

Estudo de caso da Associação de Produtores Alternativos de Ouro Prêto D´Oeste - APA em Rondônia, Amazônia Ocidental brasileira

Este caso é um exemplo típico de projetos dessa natureza. Os produtores daquela região estavam fadados a serem pecuaristas, os "incentivos" repassados pelo governo através de programas de crédito para pecuária, bem como as grandes áreas de pastos que cercavam a cidade davam a falsa impressão de fácil lucro. Mas o que acontecia na verdade era bem diferente. As áreas dos pequenos produtores, usadas a princípio para agricultura de corte e queima deviam lugar ao pasto, e como não havia conhecimento sobre manejo de pasto, lotação, período de descanso, conhecimento sobre doenças e assistência técnica, esse tipo de uso da terra não se sustentava, fazendo com que muitos agricultores vendessem seus gados e até suas terras para pagamento de dívidas.

No final de 1992, o movimento sindical de Ouro Prêto D'Oeste estimulou a criação de pomares domésticos em áreas de produtores, buscando criar alternativas aos produtores, que até então eram muito dependentes da agricultura de corte e queima e principalmente da pecuária de leite. A APA assumiu a execução dos projetos de pomares agroflorestais e apicultura, paralelo a isso também iniciou um trabalho de organização social, principalmente com grupo de mulheres. A maioria dos sistemas foi implementada em áreas em que anteriormente eram capoeiras, agricultura de corte e queima e pastos. Atualmente, encontram-se estabelecidos com plantio de várias espécies frutíferas e florestais intercaladas com tanques para criação de peixes e abelhas. Entre as espécies plantadas encontram-se: mogno (*Swietenia macrophylla*), paricá (*Schizolobium amazonicum*), teca (*Tectona grandis*), araçá boi (*Eugenia stipitata*), freijó (*Cordia goeldiana*), copaíba (*Copaifera officinalis*), jaborandi (*Pilocarpus jaborandi*), cupuaçú (*Theobroma grandiflorum*), graviola (*Annona muricata*), pupunha (*Bactris gasipaes*).

Cerca de 300 famílias, selecionadas previamente, atuam no projeto. Essas famílias iniciaram seus sistemas com apenas 1 ha e atualmente, em alguns casos, essas áreas alcançam até 5 ha. Como estrutura, a associação dispõe de uma sede própria para beneficiar e vender seus produtos. Nessa sede estão a loja, o escritório, a usina de beneficiamento de palmito, produção e armazenamento de polpa e os produtos comercializados são provenientes das próprias áreas dos produtores, são eles: doces e geléias (araçá e cupuaçú); polpa de frutas congelada e pasteurizada; palmito de pupunha; mel; mel com favo; própolis; caixas de abelhas; insumos e equipamentos apícolas; guaraná em pó; pós diversos para multimistura (pó de ervas, farinha de casca de ovo, farinha do mesocarpo do babaçú); óleos (andiroba, copaíba); móveis de reaproveitamento de madeira dos produtores familiares.

A APA investe os recursos obtidos na comercialização dos produtos, expansão e consolidação das atividades da própria associação. Os produtores familiares associados investem em qualidade de vida (saúde, habitação, infra-estrutura doméstica, produção). A experiência da APA tem melhorado as condições de trabalho, melhorias na qualidade de vida das famílias, aumento da produtividade por unidade de área e da renda familiar, motiva outros atores a ingressarem na experiência, e aproxima os produtores familiares tanto no nível familiar quanto organizativo e, desse modo, tem melhorado as relações sociais. O principal motivo do êxito da experiência é o fato da associação não fornecer nada grátis aos produtores familiares, o pagamento sempre é feito em produção. Um dos problemas encontrados atualmente pela associação é a falta de matéria prima para beneficiamento e conseqüentemente venda do produto. Apesar do esforço da APA em investir no plantio de espécies de valor econômico, como a pupunha, ainda há bastante resistência de famílias de produtores que dão preferência à pecuária. O problema está sendo contornado com parcerias com uma outra instituição que fornece matéria prima para beneficiamento e comercialização da produção.

Everaldo de Almeida, CIFOR (15.05.04)